

PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO MEDIAÇÃO NO ÂMBITO DO PIBID UTILIZANDO-SE A LITERATURA.

Eline Caroline Soares da Cruz Peres¹
Mariana Fernanda dos Santos²
Maria José Máximo³

RESUMO

Este artigo, na modalidade de relato de experiência, apresenta uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em escola pública, com turma do 1º ano do Ensino Fundamental em processo de alfabetização. O objetivo é analisar uma intervenção mediada pela literatura infantil, tomando como eixo o conto “Chapeuzinho Vermelho”, articulando planejamento, mediação docente e observações registradas durante a atividade. A sequência didática envolveu leitura literária, mapeamento da estrutura narrativa, recontagem coletiva com apoio de imagens e ordenamento de cenas, produção oral de finais alternativos, banco de palavras e escrita autônoma, além de propostas de ampliação lexical e consciência fonológica relacionadas ao vocabulário do texto. Os resultados apontam maior engajamento com a leitura, ampliação da oralidade nas rodas de conversa e progressos qualitativos no nível de escrita das crianças, evidenciando que a literatura, quando mediada por práticas planejadas, favorece a participação e sustenta aprendizagens significativas

Palavras-chave: alfabetização; literatura infantil; oralidade; hipóteses de escrita.

INTRODUÇÃO

A alfabetização nos anos iniciais demanda práticas didáticas que articulem o ensino do sistema de escrita alfabética à construção de sentidos em situações reais de linguagem. O sistema de escrita alfabética corresponde à compreensão de que a escrita representa unidades sonoras da fala por meio de letras e combinações entre elas. Nessa perspectiva, alfabetizar implica também letrar, isto é, inserir a criança em práticas sociais de leitura e escrita que tenham função comunicativa e cultural (SOARES, 2003). Ao propor o conceito de “alfaletrar”, Soares (2020, p. 27) afirma que “alfabetizar e letrar são processos indissociáveis”, indicando a necessidade de integrar, no planejamento pedagógico, objetivos

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - PR, elinecarolinesoarescruz@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR, mariana.acad25@gmail.com.

³ Professora orientadora: Mestre em Ensino, Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR, mj.maximo@hotmail.com.



de domínio do código e de participação em eventos de letramento, garantindo acesso e aprendizagem para todas as crianças.

No âmbito do PIBID, as intervenções em escolas públicas constituem espaço privilegiado para aproximar teoria e prática, fortalecendo a formação inicial docente por meio do planejamento, da observação sistemática e da mediação pedagógica. A experiência foi desenvolvida com um grupo de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, em processo de alfabetização, tendo como eixo o conto “Chapeuzinho Vermelho”. A escolha do texto se justifica por seu potencial de mobilizar oralidade, compreensão narrativa, ampliação vocabular e produções iniciais de escrita, sustentando uma proposta de alfabetização com centralidade no texto e nos gêneros como suportes didáticos, uma vez que, conforme Sérkez e Martins (1994), é a partir do texto que se organizam conteúdos linguísticos em práticas significativas de uso da linguagem.

No âmbito do PIBID, as intervenções em escolas públicas constituem espaço privilegiado para aproximar teoria e prática, fortalecendo a formação inicial docente por meio do planejamento, da observação sistemática e da mediação pedagógica. Este artigo apresenta e analisa uma intervenção mediada pela literatura infantil, realizada com turma do 1º ano, tendo como eixo o conto “Chapeuzinho Vermelho”. A escolha do texto se justifica por seu potencial de mobilizar oralidade, compreensão narrativa, ampliação vocabular e produções iniciais de escrita, sustentando uma proposta de alfabetização com centralidade no texto e nos gêneros como suportes didáticos (SÉRKEZ; MARTINS, 1994).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, na modalidade de relato de experiência, realizado no contexto de intervenção do PIBID em escola pública. A atividade foi planejada pelas bolsistas, com acompanhamento da professora supervisora, e aplicada a uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, composta por alunos em processo inicial de alfabetização, com propostas de tarefas coletivas e individuais.

O planejamento da sequência didática foi subsidiado pelos estudos teóricos de Moraes (2019), os quais orientaram a organização das seguintes etapas: leitura literária; mapeamento da estrutura narrativa (personagens, cenário, problema e organização temporal); recontagem coletiva com apoio de imagens e ordenamento de cenas; produção oral de finais alternativos; construção de banco de palavras; propostas de escrita autônoma; atividades de ampliação lexical; e atividades de consciência fonológica relacionadas ao vocabulário do texto.



Como registros para análise da experiência pedagógica, consideraram-se: (a) observações descritivas realizadas durante a intervenção; (b) participação das crianças nas atividades coletivas; e (c) evidências produzidas nas tarefas individuais, especialmente no momento de sondagem do nível de escrita, interpretadas à luz da psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

O planejamento da sequência didática, mediada pelo conto “Chapeuzinho Vermelho”, organizou-se em etapas: leitura literária; mapeamento da estrutura narrativa (personagens, cenário, problema e organização temporal); recontagem coletiva com apoio de imagens e ordenamento de cenas; produção oral de finais alternativos; construção de banco de palavras; propostas de escrita autônoma; atividades de ampliação lexical; e atividades de consciência fonológica relacionadas ao vocabulário do texto (MORAIS, 2019).

Entre os elementos selecionados para a análise da experiência pedagógica, consideraram-se: (a) observações descritivas realizadas durante a intervenção; (b) participação das crianças nas atividades coletivas; e (c) evidências produzidas nas tarefas individuais, especialmente no momento de sondagem do nível de escrita, interpretadas à luz da psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Na sequência, foi realizado o mapeamento da estrutura narrativa, identificando personagens, cenário, problema e eventos do início, meio e fim, além de recontagem coletiva apoiada por imagens e ordenamento de cenas, favorecendo a organização temporal e causal da história. As crianças também produziram finais alternativos oralmente, exercitando imaginação e argumentação.

Por fim, a turma construiu um banco de palavras com vocabulário do conto (por exemplo: mãe, vovó, caçador, chapeuzinho e lobo), utilizado como suporte para atividades de escrita autônoma, formação de palavras com apoio de imagens/alfabeto móvel e propostas de consciência fonológica, articulando sons iniciais e letras em contexto significativo (MORAIS, 2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização como prática social da linguagem compreende que a aprendizagem da leitura e da escrita acontece em interação com textos e finalidades comunicativas, em atividades que envolvem leitura, oralidade e produção escrita de forma integrada.



Materiais de sistematização didática, como “Trabalhando com a palavra viva”, defendem que o ensino de Língua Portuguesa deve partir do texto e organizar conteúdos em torno de práticas significativas (SÉRKEZ; MARTINS, 1994).

Magda Soares (2003) problematiza a separação entre alfabetização e letramento, apontando que o ensino do sistema de escrita precisa ocorrer simultaneamente à participação em situações sociais de uso da linguagem. Em obra mais recente, a autora destaca que toda criança pode aprender, desde que o ensino seja intencional, planejado e acompanhado, integrando experiências de leitura, escrita e reflexão linguística (SOARES, 2020).

Para orientar intervenções, é fundamental compreender as hipóteses que as crianças constroem sobre a escrita. Ferreiro e Teberosky (1999) demonstram que a criança não “imita” simplesmente a escrita adulta: ela elabora hipóteses e transita por níveis (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético), o que exige mediações compatíveis com seu estágio e desafios que favoreçam avanços na compreensão do princípio alfabético.

Outra dimensão relevante é a consciência fonológica, entendida como a capacidade de refletir e operar sobre sons da fala em diferentes unidades (sílabas, rimas, fonemas). Morais (2019) ressalta que essa dimensão pode ser trabalhada de modo articulado a práticas reais de leitura e escrita, por meio de atividades lúdicas e significativas, evitando exercícios mecânicos desconectados do texto.

Por fim, ao discutir situações em que a criança não aprende a ler e a escrever, Elvira Souza Lima enfatiza a importância de avaliação diagnóstica, ensino intencional e escolha de recursos adequados ao contexto, evitando atribuir a dificuldade apenas ao aluno. Para a autora, o acompanhamento contínuo e a mediação cuidadosa são decisivos para prevenir lacunas e corrigir rotas no processo de alfabetização (LIMA, 2002; LIMA, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dramatização da personagem e o uso do espaço externo constituíram parte importante da mediação. Ao sair da rotina da sala e organizar a turma em roda, a atividade criou um ambiente estético e afetivo propício à escuta, à curiosidade e à participação coletiva, ampliando as possibilidades de interação com o texto literário.





Figura 1 – Momento de contação e mediação do conto “Chapeuzinho Vermelho”
Fonte: Acervo pessoal (2025).

A Figura 1 exemplifica os aspectos relatados ao longo deste trabalho. A caracterização da personagem, o painel cenográfico e a disposição das crianças em posição de escuta mostram que a proposta ultrapassou a simples leitura oralizada do conto e se constituiu como experiência compartilhada de linguagem, imaginação e interação. Nessa ambiência, a oralidade ganhou centralidade, pois as crianças comentavam a narrativa, antecipavam acontecimentos e retomavam elementos do enredo com maior segurança.

Esse movimento também repercutiu na dimensão afetiva da aprendizagem. Como destaca Lima (2002, p. 28), “[...] ‘auto-estima’ do aluno se modifica quando ele sente que aprendeu”. No contexto da intervenção, esse fortalecimento pôde ser percebido quando as crianças passaram a participar mais das rodas de conversa, a arriscar hipóteses de escrita com menor receio e a recorrer ao banco de palavras como apoio para produzir registros próprios.

A intervenção ocorreu no primeiro semestre de 2025 e teve como ponto central a contação da história “Chapeuzinho Vermelho”. Inicialmente, realizou-se a leitura literária, seguida por roda de conversa para explorar sentidos e temas da narrativa. As crianças compartilharam partes que mais chamaram atenção e discutiram, de forma orientada, questões como não conversar com pessoas estranhas, medo, desobediência e a importância da família.

As observações registradas indicam que a organização intencional da sequência favoreceu a participação ativa das crianças. Durante a contação, um aluno demonstrou forte interesse pela história e se engajou nas discussões, relacionando a narrativa a temas como medo, desobediência e confiança em pessoas estranhas. Outra aluna manteve atenção aos detalhes e interagiu com frequência na roda de conversa, evidenciando ampliação da oralidade e construção coletiva de sentidos.



Esses achados dialogam com a defesa de que práticas de letramento, ancoradas em textos significativos, potencializam motivação, escuta e participação, criando condições para aprendizagens mais consistentes (SOARES, 2003; SOARES, 2020). O trabalho com o texto como eixo organizador também sustenta a integração entre oralidade, leitura e escrita, evitando atividades fragmentadas (SÉRKEZ; MARTINS, 1994).



Figura 2 – Participação das crianças durante a contação em ambiente externo
Fonte: Acervo pessoal (2025).

A Figura 2 complementa a análise ao evidenciar a participação atenta das crianças, a organização do espaço de escuta e o uso de elementos visuais da narrativa como suporte à mediação. A imagem mostra que a contação, realizada fora da sala de aula, favoreceu envolvimento, interação e concentração, reforçando o papel da literatura infantil como prática significativa no processo de alfabetização.

Nas etapas de mapeamento narrativo, recontagem e ordenamento de cenas, observou-se avanço na compreensão da sequência de acontecimentos e na capacidade de organizar oralmente a narrativa. A produção de finais alternativos ampliou o repertório expressivo e favoreceu a autoria, ao permitir que as crianças justificassem escolhas e imaginassem desfechos possíveis.



Quanto à escrita, o momento de sondagem e as tarefas de escrita autônoma possibilitaram acompanhar o nível de registro das crianças e identificar progressos qualitativos nas hipóteses de escrita, como maior correspondência entre sons e grafias e maior estabilidade no uso de letras em palavras recorrentes. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), essas produções devem ser compreendidas como hipóteses em construção, o que reforça a necessidade de propor desafios graduados e intervenções que ajudem a criança a avançar rumo ao princípio alfabético.

A articulação entre banco de palavras e propostas de consciência fonológica contribuiu para que as crianças relacionassem sons e letras de maneira contextualizada, favorecendo estratégias mais eficazes de escrita e leitura inicial (MORAIS, 2019). Por fim, a experiência reafirma a importância de avaliação diagnóstica e acompanhamento contínuo, com ajustes de rota conforme necessidades do grupo, evitando explicações simplistas para as dificuldades e fortalecendo a responsabilidade pedagógica no processo (LIMA, 2002; LIMA, 2008).

Os registros analisados também indicam que a observação contínua da turma foi decisiva para o replanejamento das ações. A cada retomada do conto, das cenas e das palavras-chave, as professoras puderam ajustar as intervenções, propor novos desafios e acompanhar os deslocamentos das crianças em relação à oralidade, à compreensão textual e às hipóteses de escrita. Desse modo, literatura, sondagem e mediação pedagógica mostraram-se dimensões complementares de uma mesma prática alfabetizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida no PIBID evidenciou a potência da literatura infantil como eixo organizador de práticas alfabetizadoras inclusivas, intencionais e sensíveis às necessidades das crianças. O conto “Chapeuzinho Vermelho” mostrou-se um suporte fecundo para integrar oralidade, leitura e escrita, mobilizando temas significativos e ampliando a participação do grupo.

Os resultados apontaram ampliação da oralidade, melhora na compreensão da sequência narrativa, enriquecimento do repertório vocabular e avanços qualitativos nas hipóteses de escrita. Reafirma-se, assim, a pertinência de intervenções planejadas que articulem texto, sentido social da linguagem e reflexão sobre sons e letras, com acompanhamento diagnóstico contínuo (SOARES, 2003; FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; MORAIS, 2019; LIMA, 2002).



Para a formação docente, a vivência reforça a relevância do diálogo entre teoria e prática e destaca o papel do professor como mediador, capaz de planejar, observar, intervir e replanejar, garantindo oportunidades reais de aprendizagem para todas as crianças (SOARES, 2020).

Em síntese, a experiência reafirma que práticas alfabetizadoras mediadas pela literatura infantil podem produzir avanços acadêmicos e, simultaneamente, ampliar o envolvimento das crianças com a escola. Ao integrar escuta, fala, imaginação, registro escrito e reflexão sobre a língua, o trabalho com o conto tornou-se um caminho fértil para promover aprendizagem significativa no contexto do PIBID.

Além disso, o trabalho evidenciou que a literatura infantil pode funcionar como eixo integrador do planejamento pedagógico, articulando oralidade, compreensão, memória narrativa e reflexão sobre a escrita em uma mesma proposta. A presença de recursos visuais, de dramatização e de momentos de autoria infantil fortaleceu a participação do grupo e mostrou que o ensino intencional pode ser, ao mesmo tempo, rigoroso e sensível às experiências das crianças. Para o PIBID, experiências dessa natureza reafirmam a importância da escola pública como espaço de investigação, formação e construção coletiva de práticas alfabetizadoras comprometidas com a aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

APARÍCIO, Ana Sílvia Moço; PIMENTEL, Giseli Soares; COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. O impacto da cultura escolar brasileira na alfabetização e letramento de crianças haitianas não falantes do português. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 20, n. 2, p. 82-116, 2023.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, Elvira Souza. *Quando a criança não aprende a ler e a escrever*. São Paulo: Sobradinho 107, 2002. 32 p. (Cotidiano na sala de aula).

LIMA, Elvira Souza. *Quando a criança não aprende a ler e a escrever*. São Paulo: Inter Alia, 2008.

MORAIS, Artur Gomes de. *Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



SÉRKEZ, Ângela Maria Batista; MARTINS, Sandra M. Bozza. Trabalhando com a palavra viva: sistematização dos conteúdos de Língua Portuguesa a partir do texto. v. 1. Curitiba: Renascer, 1994.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

